



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

‘Dilexit nos’: à luz da misericórdia, a Igreja se volta ao coração

Marcelo Cypriano Motta*

Um documento de especial beleza – com a força de fazer voltar ao coração! – *Dilexit nos* (DN) está destinado a marcar profundamente os caminhos de esperança até uma Igreja sinodal, missionária e misericordiosa, e vem somar-se ao Sínodo sobre a sinodalidade, ao Jubileu Extraordinário da Misericórdia (2016) e no Jubileu da Esperança (2025), e fazer redescobrir, mais uma vez, todo o valor da *Laudato si’* e da *Fratelli Tutti* (cf. DN 217). Essa encíclica, com efeito, não se limita a uma determinada revelação particular da devoção ao Coração de Cristo. Ao contrário, mesmo sem perder de vista esta “devoção”, nas suas variadas expressões na história da Igreja (dando o devido lugar a cada uma delas), a encíclica contempla o manancial inesgotável de amor e misericórdia do Coração de Cristo à luz do Evangelho e de toda a rica tradição espiritual da Igreja, até nossos dias (cf. particularmente os Capítulos III e IV). É um repositório doutrinário e místico precioso, sofisticado na sua construção, e com grandes repercussões pastorais.

“A oração mais popular, dirigida como um dardo ao Coração de Cristo, diz simplesmente: ‘Eu confio em Vós’ (SANTA FAUSTINA



Arte: Sergio Ricciuto Conte

Nesta edição, o Caderno Fé e Cultura traz alguns trechos da nova encíclica do Papa Francisco, Dilexit nos, como uma espécie de “degustação” que convida à sua leitura na íntegra, pois ela merece ser meditada, para iluminar nossa compreensão do mistério do amor cheio de misericórdia que Deus nos dedica.

KOWALSKA. Diário, 47)” (DN 90). É preciso retornar ao coração, pois o homem contemporâneo está quase privado de um princípio interior que crie unidade e harmonia

no seu ser e no seu agir. “Falta o coração.” (DN 9). Este é um tempo de renovação da Igreja, portanto, não estamos aquém da nova encíclica do Papa Francisco, para que, diri-

gindo-nos ao “Coração de Cristo, sinal eloquente da misericórdia divina”, haja frutos abundantes, entre os quais o retorno ao coração, também pela invocação “Jesus, confio em Vós”, que, por disposição da divina Providência, é conduzida a uma nova fase, mediante uma doutrina a ser exposta em toda a sua novidade, segundo a economia da misericórdia.

* Advogado, contemplado com a Medalha “São Paulo Apóstolo” 2018, atua na “Promoção da Cultura da Misericórdia”.

...E descobrimo-nos muito amados...

Dilexit nos

(DN 1-6, 48-51, 218-219)

“Amou-nos”, diz São Paulo referindo-se a Cristo (Rm 8, 37), para nos ajudar a descobrir que nada “será capaz de separar-nos” desse amor (Rm 8, 39). Paulo afirmava-o com firme certeza, porque o próprio Cristo tinha garantido aos seus discípulos: “Eu vos amei” (Jo 15, 9.12). Disse também: “Chamei-vos amigos” (Jo 15, 15). O seu coração aberto precede-nos e espera-nos incondicionalmente, sem exigir qualquer pré-requisito para nos amar e oferecer a sua amizade: Ele amou-nos primeiro (cf. 1 Jo 4, 10). Graças a Jesus, “conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele” (1 Jo 4, 16).

Papa Francisco nos conduz, nos trechos a seguir da Dilexit nos da alegria de compreender-se amado de forma grandiosa e imerecida ao empenho com a construção de uma humanidade renovada.

Para exprimir o amor de Jesus Cristo, recorre-se frequentemente ao símbolo do coração [...] No grego clássico profano, o termo *kardia* designa a parte mais íntima dos seres humanos, dos animais e das plantas [...] Desde a antiguidade, advertimos a importância de considerar o ser humano não como uma soma de diferentes capacidades, mas como um complexo anímico-corpóreo com um centro unificador que dá a tudo o que a pessoa experimenta um substrato de sentido e orientação [...]

Frequentemente, esta verdade íntima de cada pessoa está escondida debaixo de muita superficialidade, o que torna difícil o autoconhecimento e ainda mais difícil conhecer o outro [...] A mera aparência, a dissimulação e o engano danificam e pervertem o coração. Para além das muitas tentativas de mostrar ou exprimir o que não somos, é no coração que se decide tudo: ali não conta o que mostramos exteriormente ou o que ocultamos, ali conta o que somos [...]

Hoje, tudo se compra e se paga, e

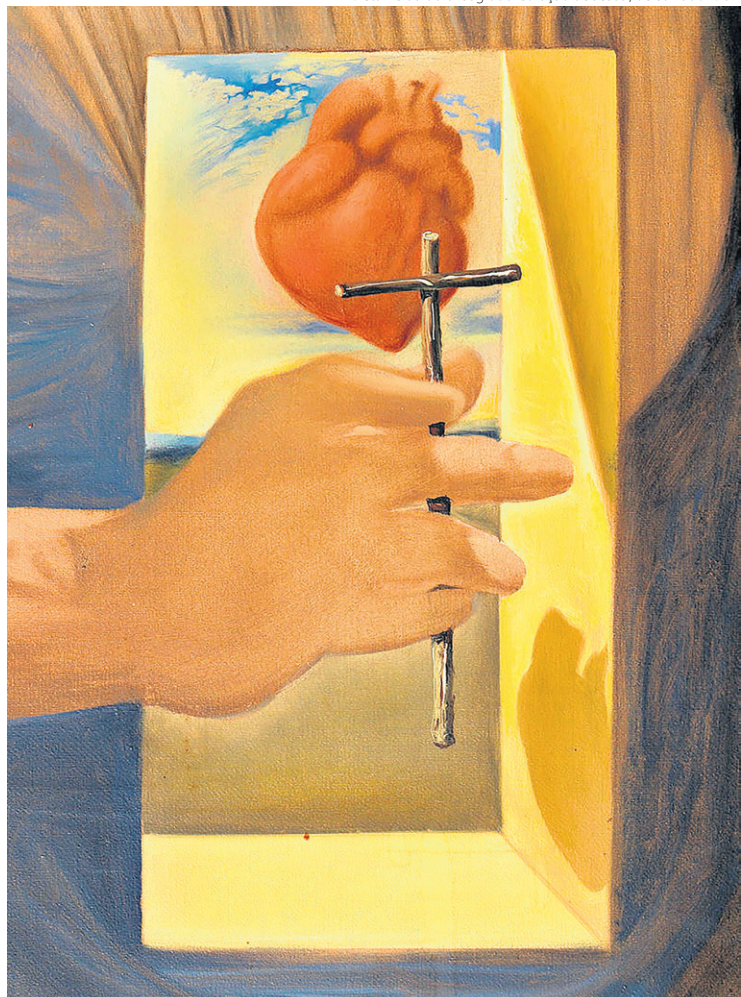
parece que o próprio sentido da dignidade depende das coisas que se podem obter com o poder do dinheiro. Somos instigados a acumular, a consumir e a distrairmo-nos, aprisionados por um sistema degradante que não nos permite olhar para além das nossas necessidades imediatas e mesquinhas. O amor de Cristo está fora desta engrenagem perversa e só Ele pode libertar-nos desta febre em que já não há lugar para o amor gratuito. Ele é capaz de dar coração a esta terra e reinventar o amor lá onde pensamos que a capacidade de amar esteja morta para sempre [...] Da ferida do lado de Cristo continua a correr aquele rio que nunca se esgota, que não passa, que se oferece sempre de novo a quem quer amar. Só o seu amor tornará possível uma nova humanidade.

Compreender o coração humano

Dilexit nos

(DN 9-18, 23, 25-26)

Detalhe da obra "Sagrado Coração de Jesus", de Salvador Dalí



Precisamos recuperar este centro pessoal, fundamento da nossa humanidade, que só pode ser integrado na perspectiva do amor como nos lembra o Papa na Dilexit nos.

Neste mundo líquido, é necessário voltar a falar do coração; indicar onde cada pessoa, de qualquer classe e condição, faz a própria síntese; onde os seres concretos encontram a fonte e a raiz de todas as suas outras potências, convicções, paixões e escolhas. Movemo-nos, porém, em sociedades de consumidores em série, preocupados só com o agora e dominados pelos ritmos e ruídos da tecnologia, sem muita paciência para os processos que a interioridade exige. Na sociedade atual, o ser humano “corre o perigo de se desorien-

tar do centro de si mesmo” (SÃO JOÃO PAULO II. *Angelus*, 02/07/2000). “O homem contemporâneo encontra-se com frequência transtornado, dividido, quase privado de um princípio interior que crie unidade e harmonia no seu ser e no seu agir. Modelos de comportamento infelizmente bastante difundidos, exaltam a sua dimensão racional-tecnológica, ou, ao contrário, a instintiva” (IDEM. Catequese [in] *L'Osservatore Romano*, 11/06/1994). Falta o coração.

Dar ao coração seu devido lugar. [...]

Muitos, para construir os seus sistemas de pensamento, sentiram-se seguros no âmbito mais controlável da inteligência e da vontade. E, ao não se encontrar um lugar para o coração, como algo distinto das faculdades e das paixões humanas consideradas separadamente, também não se desenvolveu suficientemente a ideia de um centro pessoal, que só pode ser unificado, em última análise, pelo amor.

Ao não se dar o devido valor ao coração, desvaloriza-se também o que significa falar a partir do coração, agir com o coração, amadurecer e curar o coração. Quando não se consideram as especificidades do coração, perdemos as respostas que a inteligência por si só não pode dar, perdemos o encontro com os outros, perdemos a poesia. E perdemos a história e as nossas histórias, porque a verdadeira aventura pessoal é aquela que se constrói a partir do coração. No fim da vida, só isso contará.

É preciso afirmar que temos um coração e que o nosso coração coexiste com outros corações que o ajudam a ser um “tu” [...] Por outro lado, esse poder único do coração ajuda-nos a compreender por que é que se diz que, quando apreendemos uma realidade com o coração, podemos conhecê-la melhor e mais plenamente. Isto conduz-nos inevitavelmente ao amor de que esse coração é capaz, porque “o mais íntimo da realidade é amor”, como observa Karl Rahner [...]

Ao mesmo tempo, é o coração que torna possível qualquer vínculo autêntico, porque uma relação que não é construída com o coração não pode ultrapassar a fragmentação do individualismo. Restariam apenas duas individualidades que se justapõem, mas não se ligam verdadeiramente. Uma sociedade cada vez mais

dominada pelo narcisismo e pela autorreferencialidade é uma sociedade “anti-coração”. E, por fim, chega-se à “perda do desejo”, porque o outro desaparece do horizonte e nos fechamos no nosso egoísmo, sem capacidade para relações saudáveis. Como resultado, tornamo-nos incapazes de acolher Deus [...]

Vemos, assim, como no coração de cada pessoa se produz esta ligação paradoxal entre a valorização do próprio ser e a abertura aos outros, entre o encontro muito pessoal consigo mesmo e o dom de si aos outros. Só nos tornamos nós próprios quando adquirimos a capacidade de reconhecer o outro, e só encontra o outro quem é capaz de reconhecer e aceitar a própria identidade.

Quando alguém reflete ou medita sobre o próprio ser e a sua identidade, ou analisa questões mais elevadas; quando pensa no sentido da própria vida e até mesmo procura a Deus, e ainda quando sente o gosto de ter vislumbrado algo da verdade; todas estas reflexões exigem que se encontre o seu ponto culminante no amor. Amando, a pessoa sente que sabe o porquê e para que vive. Assim, tudo converge para um estado de conexão e de harmonia. Por isso, diante do próprio mistério pessoal, talvez a pergunta mais decisiva que se possa fazer seja esta: tenho coração?

Um diálogo entre dois corações. Onde o filósofo detém o seu pensamento, o coração fiel ama, adora, pede perdão e oferece-se para servir no lugar que o Senhor lhe dá para O seguir. Então, percebe o que é o “tu” de Deus e que pode ser um “eu”, porque Deus é um “tu” para ele. Na realidade, somente o Senhor se dispõe a tratar-nos sempre – e para sempre – como um “tu”. Aceitar a sua amizade é uma questão de coração e constitui-nos como pessoas no sentido pleno da palavra.

[...] São John Henry Newman tomou como lema a frase *Cor ad cor loquitur* (“O coração fala ao coração”), porque, para além de toda dialética, o Senhor salva-nos, falando ao nosso coração a partir de seu Sagrado Coração [...] o lugar do encontro mais profundo consigo mesmo e com o Senhor não está na leitura ou na reflexão, mas no diálogo orante, de coração a coração, com Cristo vivo e presente [...]

E sejamos cautelosos: tenhamos consciência de que o nosso coração não é autossuficiente; é frágil e ferido [...] Precisamos da ajuda do amor divino. Recorramos, pois, ao Coração de Cristo, o centro do seu ser, que é uma fornalha ardente de amor divino e humano, a mais alta plenitude que a humanidade pode atingir. É aí, nesse Coração, que finalmente nos reconhecemos e aprendemos a amar.

O mundo pode mudar a partir do coração

Dilexit nos

(DN 28-31)

Francisco, na Dilexit nos, nos apresenta um princípio unificador, que pode ajudar cada ser humano e toda a humanidade a ir ao encontro da paz.

Só a partir do coração é que as nossas comunidades serão capazes de unir e pacificar os diferentes intelectos e vontades, para que o Espírito nos possa guiar como uma rede de irmãos, porque a pacificação é também uma tarefa do coração. O Coração de Cristo é êxtase, é saída, é dom, é encon-

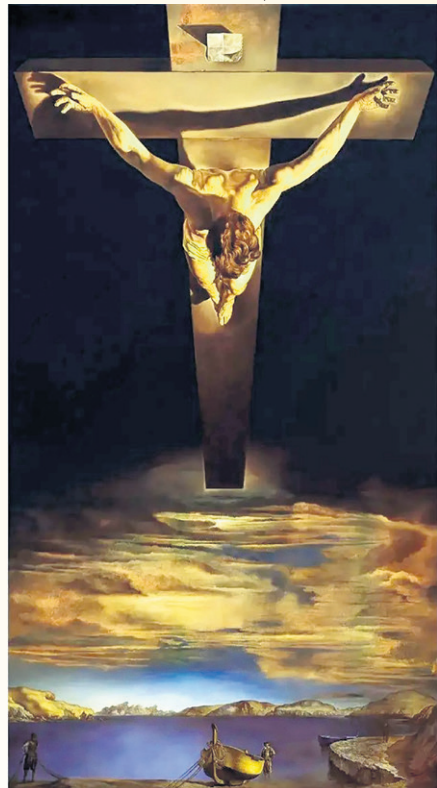
tro. Nele, tornamo-nos capazes de nos relacionarmos uns com os outros de forma saudável e feliz, e de construirmos neste mundo o Reino de amor e de justiça. O nosso coração, unido ao de Cristo, é capaz deste milagre social.

Levar o coração a sério tem consequências sociais. Como ensina o Concílio Vaticano II, “temos, com efeito, de reformar o nosso coração, com os olhos postos no mundo inteiro e naquelas tarefas que podemos realizar juntos para o progresso da humanidade” (*Gaudium et spes*, GS 82). Porque “os desequilíbrios de que sofre o mundo atual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do ser humano” (GS 10).

[...] “Cristo é o coração do mundo; a sua Páscoa de morte e ressurrei-

ção é o cerne da história que, graças a Ele, é história da salvação” (SÃO JOÃO PAULO II. *Alocução do Angelus*, 28/06/1998). Todas as criaturas avançam “juntamente conosco e por meio de nós, para a meta comum, que é Deus, em uma plenitude transcendente em que Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina” (*Laudato si'*, LS 8). Diante do Coração de Cristo, peço mais uma vez ao Senhor que tenha compaixão desta terra ferida, que Ele quis habitar como um de nós. Que derrame os tesouros da sua luz e do seu amor, para que o nosso mundo, que sobrevive entre guerras, desequilíbrios socioeconômicos, consumismo e o uso anti-humano da tecnologia, recupere o que é mais importante e necessário: o coração.

SALVADOR DALÍ, Cristo de São João da Cruz



O terno amor que encontramos no Coração de Jesus

Dilexit nos

(DN 32-39, 46, 59, 69)

Recorrendo à devoção ao Sagrado Coração, o Papa Francisco nos apresenta, na *Dilexit nos*, com palavras comoventes, toda a intensidade do amor de Deus por nós.

O Coração de Cristo, que simboliza o centro pessoal do qual brota o seu amor por nós, é o núcleo vivo do primeiro anúncio. Ali se encontra a origem da nossa fé, a fonte que mantém vivas as convicções cristãs [...] O Evangelho diz que Jesus “veio para os seus” (Jo 1, 11). Os “seus” somos nós, pois não nos trata como algo estranho. Considera-nos como propriedade sua, que guarda com cuidado, com afeto. Trata-nos como seus [...] Ele nos propõe a pertença mútua dos amigos [...] Ele tem outro nome, que é “Emanuel” e significa “Deus conosco”, Deus próximo à nossa vida, vivendo entre nós. O Filho de Deus encarnou e “esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo” (Fl 2, 7) [...]

Visto que nos custa confiar, porque fomos feridos por tantas falsidades, agressões e desilusões, Ele susurra-nos ao ouvido: “Filho, tem confiança” (Mt 9, 2); “Filha, tem confiança” (Mt 9, 22). Trata-se de vencer o medo e de tomar consciência de que, com Ele, não temos nada a perder [...] Não tenhas medo. Deixa-O aproximar-se e sentar-se ao teu lado. Podemos duvidar de muitas pessoas, mas não Dele. E não te paralises por causa dos teus pecados. Recorda-te de que muitos pecadores “sentaram-se com Ele” (Mt 9, 10) e Jesus não se escandalizou com nenhum deles. Esse mesmo Jesus espera hoje que lhe dê a possibilidade de iluminar a tua existência, de erguer-te, de encher-te com a sua força [...] Ele consegue sempre uma maneira para se manifestar na tua vida, para que tu O possas encontrar.

O Evangelho conta-nos que se aproximou Dele um homem rico, cheio de ideais, mas sem forças para mudar de vida. Então, “Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (Mc 10, 21). Consegues imaginar esse instante, o encontro entre os olhos deste homem e o olhar de Jesus? Se te chama, se te convoca para uma missão, primeiro Ele olha para ti, penetra no teu in-

timo, percebe e conhece tudo o que há em ti, pousa sobre ti o seu olhar [...]

As palavras que Jesus pronunciou indicavam que a sua santidade não elimina os sentimentos. Por vezes, mostravam um amor apaixonado, que sofre por nós, se comove, se lamenta e chega, até mesmo, às lágrimas. É evidente que Ele não era indiferente às preocupações e angústias comuns das pessoas, como o cansaço ou a fome: “Tenho compaixão desta multidão [...] Não tem nada para comer [...] desfalecerão no caminho, e alguns vieram de longe” (Mc 8, 2-3).

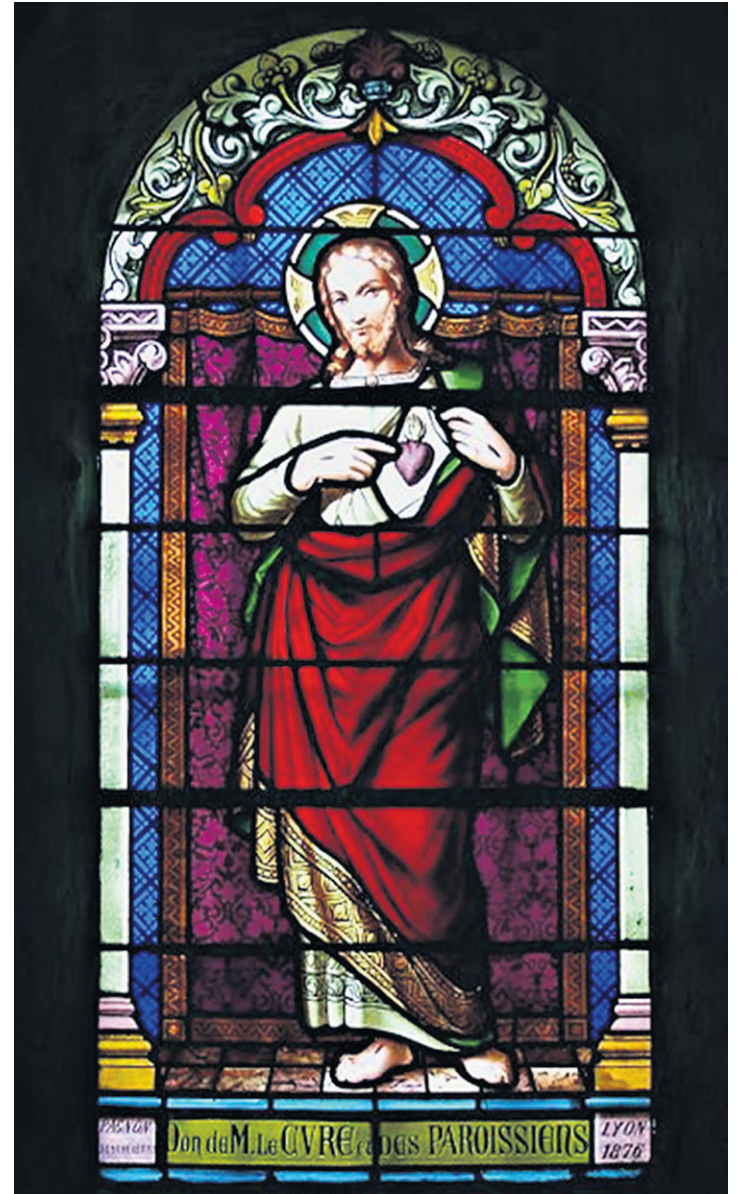
Tudo isto, à primeira vista, pode parecer um mero romanticismo religioso. No entanto, é o que há de mais sério e mais decisivo. Encontra a sua expressão máxima em Cristo pregado numa cruz. Essa é a palavra de amor mais eloquente. Não se trata de algo superficial, não é puro sentimento, não é uma alienação espiritual. É amor. Por isso, quando São Paulo procurava as palavras certas para explicar a sua relação com Cristo, disse: “Amou-me e a Si mesmo se entregou por mim” (Gl 2, 20). Esta era a sua maior convicção: saber-se amado. A entrega de Cristo na cruz subjugava-o, mas só fazia sentido porque havia algo ainda maior do que essa entrega: “Amou-me”. Quando muitas pessoas procuravam em várias propostas religiosas salvação, bem-estar ou segurança, Paulo, tocado pelo Espírito, soube olhar além e maravilhar-se com o que há de maior e mais fundamental: “Amou-me” [...]

Em um coração humano, podem reinar o ódio, a indiferença e o egoísmo. Porém, não atingimos a nossa plena humanidade se não saímos de nós mesmos, tal como não nos tornamos inteiramente nós mesmos se não amamos. Portanto, o centro mais íntimo da nossa pessoa, criado para o amor, só realizará o projeto de Deus enquanto amar. Assim, o símbolo do coração também simboliza o amor [...]

São João da Cruz quis exprimir que, na experiência mística, o amor incomensurável de Cristo ressuscitado não é sentido como estranho à nossa vida. O

Infinito de algum modo desce para que, através do Coração aberto de Cristo, possamos experimentar um encontro de amor verdadeiramente recíproco [...] Este místico entende a figura do lado ferido de Cristo como um apelo à plena união com o Senhor. Ele é o

Aubry Francon. Fonte Wikimedia Commons



cervo ferido que, quando ainda não nos tínhamos deixado tocar pelo seu amor, desce às correntes de água para saciar a sua própria sede, e que encontra conforto sempre que nos dirigimos a Ele.

Entendendo a devoção e seu símbolo

Dilexit nos

(DN 48-57, 63, 114-115, 159-160)

Nestes trechos da encíclica *Dilexit nos*, o Papa Francisco nos ajuda a entender o sentido da devoção ao Sagrado Coração e seu simbolismo.

A devoção ao Coração de Cristo não é o culto a um órgão separado da Pessoa de Jesus [...] É indispensável sublinhar que nos relacionamos com a Pessoa de Cristo, por meio da amizade e da adoração, atraídos pelo amor representado na imagem do seu Coração. Veneramos essa imagem que O representa, mas a adoração dirige-se apenas a Cristo vivo, na sua divindade e em toda a sua humanidade, para nos deixarmos abraçar pelo seu amor humano e divino.

Há uma experiência humana universal que torna esta imagem única. Pois não há dúvida de que, ao longo da história e em várias partes do mundo, o coração se tenha tornado um símbolo da intimidade mais pessoal e também do afeto, emoções e capacidade de amar. Para além de qualquer explicação científica, a mão colocada

sobre o coração de um amigo exprime um afeto especial; quando uma pessoa se apaixona e está perto da pessoa amada, o batimento cardíaco acelera; quando alguém sofre um abandono ou uma desilusão por parte da pessoa amada, sente uma espécie de forte opressão no coração. Por outro lado, para exprimir que algo é sincero, que vem realmente do centro da pessoa, afirma-se: “Digo-o do fundo do coração”. A linguagem poética não pode ignorar a força destas experiências. Por isso, é inevitável que, ao longo da história, o coração tenha alcançado uma força simbólica única, que não é meramente convencional.

Algumas destas imagens podem parecer-nos pouco atrativas e não nos mover muito ao amor e à ora-

ção. Isso é secundário, pois a imagem não é mais do que uma figura motivadora, e, como diriam os orientais, não devemos fixar-nos no dedo que aponta para a lua [...]

O desejo inevitável de consolar Cristo, que surge da dor de contemplar o que Ele sofreu por nós, alimenta-se também do reconhecimento sincero das nossas escravidões, dos nossos apegos, da nossa falta de alegria na fé, das nossas buscas vãs e, para além dos pecados concretos, da falta de correspondência do nosso coração ao seu amor e ao seu projeto. É uma experiência que nos purifica, porque o amor precisa da purificação das lágrimas que, no final, nos deixam mais sedentos de Deus e menos obcecados por nós próprios [...]

Quanto mais profundo se torna o desejo de consolar o Senhor, mais se aprofunda a compunção do coração crente, que “não é um sentimento de culpa que te lança por terra, nem uma série de escrúpulos que paralisam, mas é uma picada benéfica que queima intimamente e cura, pois o coração, quando se dá conta do próprio mal e se reconhece pecador, abre-se, acolhe a ação do Espírito Santo” (FRANCISCO. [Homilia na Missa Crismal](#), 28/03/2024) [...].

Peço, portanto, que ninguém ridicularize as expressões de fervor devoto do santo povo fiel de Deus, que na sua piedade popular procura consolar Cristo. E convido cada um a perguntar-se se não há mais racionalidade, mais verdade e mais sabedoria em certas manifestações desse amor que procura consolar o Senhor do que nos atos de amor frios, distantes, calculados e mínimos de que nós, que julgamos possuir uma fé mais reflexiva, cultivada e madura, somos capazes.

Expressões recentes do Magistério sobre a devoção ao Sagrado Coração

Dilexit nos
(DN 78-88, 167-168)

No final do século XIX, Leão XIII convidava-nos a consagrarmos-nos ao Coração de Cristo e, na sua proposta, unia, ao mesmo tempo, o apelo à união com Cristo e a admiração perante o esplendor do seu amor infinito [na encíclica *Annum Sacrum*]. Cerca de trinta anos depois, Pio XI apresentou esta devoção como o resumo da experiência da fé cristã (*Miserentissimus Redemptor*, MR 3). Além disso, Pio XII sustentou que o culto do Sagrado Coração exprime de forma excelente, como uma síntese sublime, a nossa adoração a Jesus Cristo (*Haurietis Aquas*, HA 4, 43, 52).

Mais recentemente, São João Paulo II apresentou o desenvolvimento deste culto nos séculos passados como uma resposta ao crescimento de formas de espiritualidade rigoristas e desencarnadas que esqueciam a misericórdia do Senhor, mas ao mesmo tempo como um apelo contemporâneo a um mundo que procura construir-se sem Deus: “A devoção ao Sagrado Coração, do modo como se desenvolveu na Europa há dois séculos, sob o impulso das experiências místicas de Santa Margarida Maria Alacoque, foi a resposta à rigorosidade jansenista, que tinha acabado por menosprezar a infinita misericórdia de Deus. [...] O homem do Ano 2000 tem necessidade do Coração de Cristo para conhecer Deus e para se conhecer a si mesmo; tem necessidade dele para construir a civilização do amor” (Catequese [in] *L’Osservatore Romano*, ed. semanal em português, 11/06/1994).

Bento XVI convidava a reconhecer o Coração de Cristo como uma presença íntima e cotidiana na vida de todos: “Cada pessoa precisa de um ‘centro’ da própria vida, de uma fonte de verdade e de bondade da qual haurir no suce-

O Papa Francisco, nos trechos a seguir da Dilexit nos, retoma a história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus no magistério recente da Igreja.

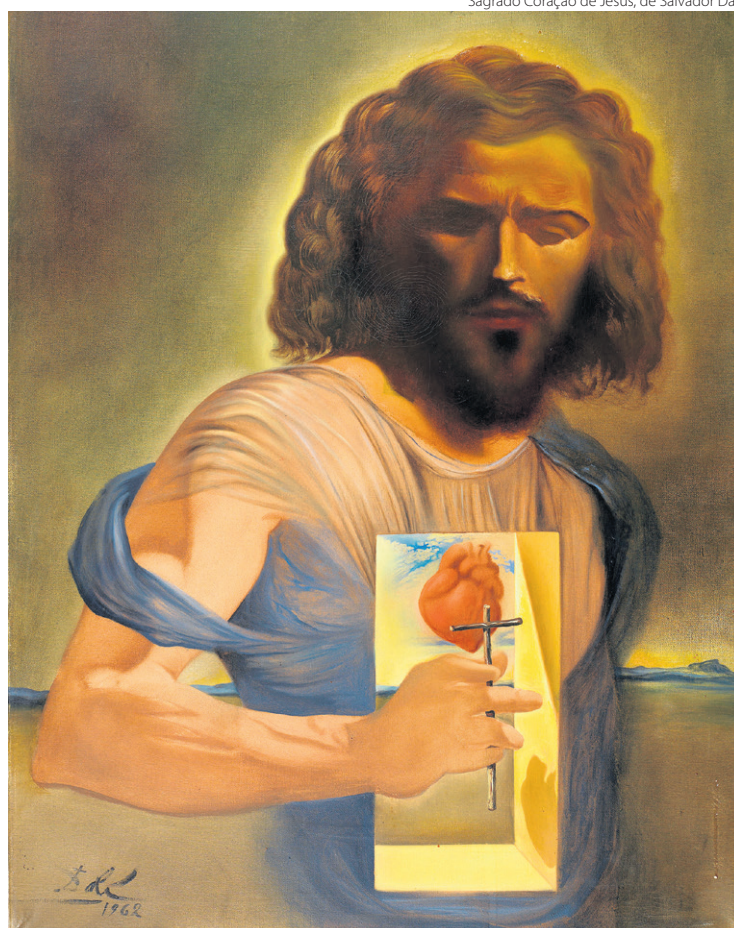
der-se das diversas situações e na fadiga do cotidiano. Cada um de nós, quando se detém no silêncio, precisa ouvir não só o palpitar do próprio coração, mas, mais em profundidade, o pulsar de uma presença de confiança, perceptível com os sentidos da fé e contu-

do muito mais real: a presença de Cristo, coração do mundo” (*Alocução do Angelus*, 01/06/2008) [...]

O Coração de Cristo nos liberta, ao mesmo tempo, de outro dualismo: o de comunidades e pastores concentrados apenas em atividades exteriores, em reformas estruturais desprovidas de Evangelho, em organizações obsessivas, em projetos mundanos, em reflexões secularizadas, em várias propostas apresentadas como requisitos que, por vezes, se pretendem impor a todos. O resultado é, muitas vezes, um Cristianismo que esqueceu a ternura da fé, a alegria do serviço, o fervor da missão pessoa a pessoa, a cativante beleza de Cristo, a gratidão emocionante pela amizade que Ele oferece e pelo sentido último que dá à vida. Em suma, outra forma de transcendentalismo enganador, igualmente desencarnado [...]

É preciso voltar à Palavra de Deus para reconhecer que a melhor resposta ao amor do seu Coração é o amor aos irmãos; não há maior gesto que possamos oferecer-lhe para retribuir amor por amor. A Palavra de Deus diz com toda a clareza: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40). “Toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5, 14). “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama, permanece na morte” (1 Jo 3, 14). “Aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1 Jo 4, 20).

O amor aos irmãos não se fabrica, não é fruto do nosso esforço natural, mas exige uma transformação do nosso coração egoísta. Nasce, então, espontaneamente a célebre súplica: “Jesus, fazei o nosso coração semelhante ao Vosso”. Por isso mesmo, o convite de São Paulo não era: “Esforçai-vos por fazer boas obras”. O seu convite era mais precisamente: “Tende entre vós os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2, 5).



Sagrado Coração de Jesus, de Salvador Dalí

A reparação desejada por Cristo

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Em resposta ao amor de Cristo, que se ofereceu por nós, nos dedicamos ao bem de nossos irmãos, tanto em sua dimensão social quanto espiritual.

A doutrina da reparação está intimamente ligada à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Exposta na encíclica *Miserentissimus Redemptor* (MR 5-13), de Pio XI, propõe uma série de práticas que visam a reparar as ofensas feitas a Deus, enfatizando o amor e a misericórdia que emanam do Coração de Cristo.

Tomando por base a espiritualidade de Santa Teresa do Menino Jesus, o Papa Francisco explica que a base dessa reparação não se baseia em uma justiça retributiva, na qual o ser humano busca “pagar a Cristo” pelas ofensas feitas a Ele em função de nossos pecados. Trata-se, antes, de uma resposta de gratidão apaixonada por Seu amor misericordioso (cf. *Dilexit nos*, DN 195-198). Com essa posição, nos afastamos de interpretações moralistas e posturas farisaicas na reparação ao Sagrado Coração de Jesus.

Francisco irá apresentar, ainda, o sentido social dessa reparação, pois “unir o amor filial para com Deus ao amor do próximo [...] é a verdadeira reparação pedida pelo Coração do Salvador”, como escreveu São João Paulo II em uma Carta ao Preposto-Geral da Companhia de Jesus, em 1986. “No meio do desastre deixado pelo mal – prossegue Francisco – o Coração de Cristo quis precisar da nossa colaboração para reconstruir a bondade e a beleza” (DN 182).

“Precisamente porque a reparação evangélica tem este forte significado social – continua o Papa – os nossos atos de amor, de serviço e de reconciliação, para serem reparações eficazes, requerem que Cristo os impulse, os motive e os torne possíveis. São João Paulo II dizia que, para construir a civilização do amor, a hu-

manidade de hoje precisa do Coração de Cristo. A reparação cristã não pode ser entendida apenas como um conjunto de obras exteriores, que são indispensáveis e por vezes admiráveis. Exige uma espiritualidade, uma alma, um sentido que lhe dê força, impulso e criatividade incansável. Precisa da vida, do fogo e da luz que vêm do Coração de Cristo” (DN 184).

Francisco insiste que a proposta cristã, para ser atraente, deve ser “viva e manifestada em sua integralidade” e, por isso, “não se trata sequer de uma promoção social desprovida de significado religioso, que no fundo seria querer para o ser humano menos do que aquilo que Deus lhe quer dar” (DN 205). Assim, o sentido social da reparação se integra com a dimensão missionária da Igreja, pois “por intermédio dos cristãos, o amor

difundir-se-á no coração dos homens, para que se construa o Corpo de Cristo que é a Igreja e se edifique uma sociedade de justiça, de paz e de fraternidade” (DN 206).

Dirigindo-se a cada um de nós, o Papa nos convida a ter o mesmo desejo de Santa Teresa do Menino Jesus, que viveu o ardor missionário como “parte inseparável da sua oferta ao Amor misericordioso”. Ele nos diz: “Esta é também a tua missão. Cada um cumpre-a à sua maneira, e verás como podes ser missionário. Jesus merece-o. Se tiveres coragem, Ele te iluminará, acompanhará e fortalecerá, e viverás uma experiência preciosa que te fará muito bem. Não importa se conseguirá ver algum resultado; deixa isso para o Senhor que trabalha no segredo dos corações, mas não deixes de viver a alegria de tentar comunicar o amor de Cristo aos outros” (DN 216).

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.